

A TROCA

Orgão critico, litterario e noticioso

PROPRIETARIO—PEDRO CARLOS



Marechal Manoel Deodoro da Fonseca

FALLECEU A 23 DE AGOSTO DE 1892

Despachos telegraphicos da Ca-
pital Federal transmittiu-pos a tris-
to nova do passamento do bravo
soldado brasileiro, do legendario
Fundador da Republica dos Esta-
dos-Unidos do Brazil, o benemerito
Marechal de Campo Manoel Deodo-
ro da Fonseca.

Filho da tradicional, velha e
heroica cidade das Alagoas, o bra-
vo cabo de guerra, era um dos seus

filhos mais dilectos e que muito re-
nome lhe deu, ja nos tempos mo-
narchicos, occupando cargos dos
mais elevados, ja nos campos da
batalha paraguaya, onde nunca ce-
deu passo ao inimigo que preten-
dia usurpar os nossos direitos de
cidadãos, já na revolução de 15 de
Novembro de 89 que mudou o re-
gimen governativo d'esta esperanço-
sa patria Brasileira.

Deixou de pertencer á terra para
subir ao céu da immortalidade.

Nós, portanto, reverentes ante a
lousa que encerra o corpo inani-
mado de tão dilecto filho das Ala-
goas, deixamos cahir uma lagrima
de saudade, como indicio de pro-
fundo pezar.

Paz á su'atma.

Pezatmes á sua exma. familia e á
patria republicana.

A TROÇA

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Na capital por mez 500 reis.

Fora da capital trimensal 2\$000

+

A Troça, se publicará uma vez por semana

+

Escriptorio da Redacção : -Rua da Lama
n. 22.

+

Numero avulso do dia 200. reis ; atrazado
por ajuste.

POR DENTRO E... POR FO'RA

Perdão

Depois de longos annos de carce-
re, obteve perdão do resto da sen-
tença que cumpria na cadeia pu-
blica d'esta cidade o tenente José
Thomaz da Silva, conhecido por Ju-
sa da Jurema

Damos-lhe nossos parabens por
se achar restituído á sociedade e
fóra da convivência dos infelizes
da sorte.

—:—

Governo de navios, é o titulo de
um folheto de 50 paginas que o sr.
contra-almirante José Marques Gui-
marães acaba de publicar.

—:—

SUICIDIO

O allemão Max Haltner, 2º cos-
nheiro do vapor allemão *Belgrano*,
suicidou-se por meio de estrangul-
ação na latrina de bordo do refe-
rido vapor, onde foi encontrado
suspenso, no dia 30, do passado pe-
la manhã.

—:—

Farão parte da officialidade que
vai á Europa buscar os cruzadores
Republica e *Tiradentes* : 1º tenente
Alípio Morsa, o 2º tenente Le Co-
de Oliveira e o commissario de 3ª
classe Raymundo Caetano da Silva.

—:—

Assassinato

Lê-se em uma folha de S. Pau-
lo a seguinte noticia de um assassi-
no em Jaboticabal :

«O dr. Herculano ajustou um
homem para derribar matto, e co-
mo esse homem tivesse feito mortes

em Monte Alto e raptado mulheres,
o povo resolveu matá-lo.

Para isso dirigiu se em massa á
fazenda do dr. Henrique, ás 11
horas da noite, e ahí começou a
dar tiros de carabina sobre a casa.

A esposa do dr. Herculano rece-
beu uma bala n'um braço, no mo-
mento em que p'gara n'um filho
para esconder debaixo da cama.

Um preto de nome Noé, quando
fugia pela porta do fundo, recebeu
uma bala nas costas, vindo a falle-
cer horas depois.

O fazendeiro está ameaçado de
morte e absolutamente sem recur-
sos para defender-se das iras do po-
vo que pretende matá-lo.

N'uma carta pedem promptas me-
didas que restabeleçam o sossego
no lugar e que garantam as vidas
ameaçadas ! »

—:—

FURTO DE 24:000\$000

No dia 7 do passado, na Capital
Federal ao meio dia, o sr. Manoel
Antonio Rodrigues da Silva, mora-
dor na Parahyba, depois de ter es-
tado em diversos bancos e recebido
a quantia de 24:000\$000, descia
pela rua do Ouvidor, quando d'elle
se aproximaram tres individuos
bem trajados, que muito obsequio-
sos para com o sr. Silva, pediram-
lhe permissão para limpar o seu
paletot, que estava sujo de lama ao
que acceden Silva. Dois dos ama-
veis cavalheiros servindo-se das len-
ços que traziam começaram a lim-
par o paletot, serviço este que Sil-
va agradeceu, continuando o seu
caminho.

Momentos depois, verificou Sil-
va que os dois cavalheiros tinham-
lhe feito uma limpeza em regra,
porquanto notou que lhe haviam
sido subtraídos os 24:000\$000.

A victima queixou-se ao sr. 3º
delegado de policia, que trata da
captura dos gatunos.

Muito progresso !...

—:—

Receita para cazar

Toda a moça que quizer cazar
deve sair de casa e seguir sempre
o lado direito das ruas. Entrará
em uma loja e pedirá uma vara de
fita verde e voltará para casa pelo
mesmo lado direito. A's 9 horas
da noite fitará olhos em tres estrel-
las, e dirá :

— Tres estrellas no céu vejo e a
de Jesus quatro ; e esta fita na mi-

nha perna ato, para que fulano
não possa comer nem beber, nem
descançar sem commigo cazar.

Isto repete-se tres vezes ; e vae-
se dando, de cada vez que se diga,
um nó na fita verde.

Experimentem as solteiras.

—:—

Se por aqui houvesse
disso...

Na Russia uma elegante rapari-
ga, doudamente apaixonada por
um estudante, reuniu tres amigas
decididas e resolveu raptá-lo.

As raptoras esperaram n'ó á noi-
te n'uma rua deserta, e quando
elle muito descuidado dirigia para
sua residencia, agarraram-n'ó e
amordaçando-o tolheram-lhe todos
os movimentos com laçadas de cor-
das, levando-o depois para um si-
tio conveniente, onde a enamora-
da rapariga violentou o.

O mais engraçado é que o vio-
lentado, queixou se ás autoridades.

—:—

Carta achada

Querido J....

Saúte é o que mais lhe desejo.
Recibi sua istimada cartinha e
lhe respondo ; eu não sou quem
você pensa, eu como já lhe disse
você pode creá que eu sou a unica
que já mais você bem pode saber
que eu não sou capaz de fazer gro-
garia com você ! meu anjo não fi-
que zangado com migo porque não
sou casa de você está contariado
mi diga uma coisa eu vi dizer que
você está na ponta na rua da (Pra-
ia) eu si saber disso direito fico
mar com Você mais nada, venha
a partida.

Sua Cr. Amanto

A.

—

Minha Senhora :

Foi n'uma linda tarde do mez
d'Abril, tarde de jubilo e ventura
indizível, em que a brisa expandin-
do os seus inebriantes perfumes,
incitava a que me recreasse, que
via v. ex. cujos encantos conqui-
staram minh'alma que se desvane-
ce de pertencer-lhe.

Desde esse dia comecei a adora-
r em silencio, e não mais pude
oblittrar da memoria a imagem
d'uma joven tão linda, como os
fulgurantes sorrisos d'aurora.

Avultando, porém o affecto que
lhe consagro, convencendo-me de

que o silencio em tal assumpto é a maior das consternações, é que lhes externo.

Entretanto julgo que v. exc. não me deve abominar por dedicar-lhe um amor perduravel e sincero, e persuadir-se que não é germinado, senão pela sublime formosura de que v. exc. é prendada a qual rende a todos que tem o prazer de vel-a.

Tenho a honra de subscrever-me.

J. V.

Machere mademoiselle.

Comment vous portez vous?

Je savant qui la mademoiselle parle du français tres beaucoup, jé approuvotte la occasion de dizer en français a la mademoiselle, qui jé liqué tout d'une coup en hanté par la mademoiselle avec une amour de coration. Ma mademoiselle, mon coration est de vous: elle est toute de vous comme un jé ne sais pas de coration. Dans votre maison est samente la mademoiselle que sache du le français par ceci ne montré pas a quelconque pourquoi quelconque ne entende du le français. Rompé sitôt que vous lire.

Je espere un resposta bianfêzant de la parte de votre bonité.

Ce c'fut la première foi qui je vut à la mademoiselle.

Je suis verdaierement
toujours jamais et jamais
toujours de vous du le coration.

S.

TACADAS

E foi-se elle assim sem mais a sra. aquella; elle, que nos appareceu com sua cara não sei de que e andava aqui entre nós derretendo-se em cortezias e fazendo mil e mais promessas. Tudo, porém, viam em agua de bacalhão. E quem diria!

Com aquellas suas labias enganar a qualquer filho de Adão; Sim, senhor!... Mas não de modo nenhum pôde entornar o Botelho, que, sabido como o diabo, varreu fora e mandou-o lambar sabão. E fez muito bem, porque não é com lorotas que se fazem mover os valentes soldados do exercito de Guttenberg.

E por onde andar lá elle agora com a sua carinha deslambida?!...

Metteu-se por ali em alguma coxa de caco, e de lá manda-nos de quando em vez uma desculpa mui-

to amarella, que de nada serve senão para engazopar a humanidade. Pois, sim.

Voltaremos mais tarde sobre o assumpto, si acaso o tal bilontra não nos vir à falla, mostrando-nos ao menos a ponta do nariz.

Ficamos de atalaia.

Maceió, — 1892.

Os prejudicados.

Amor á cambio a 11

São do Novidades, de Lisboa, os seguintes engraçados versos.

Escreve elle, o J., esta pezarosa elegia:

Quando o cambio subir, a minha amada
Regressará talvez.
Ai! partiu ao romper da madrugada
N'um paquete francez.

Quiz emigrar na sua companhia;
Porém pungente dor!
No grandioso paquete não cabia
O meu immenso amor.

Como vai na derrota d'um navio.
Faminto tubarão.
Após ella também demanda o Rio
Meu doido coração.

Se o vires, doce amada, andar errante
Na rua do Ouvidor,
Anima, ampara o misero immigrante
Com um olhar d'amor.

Se por ventura o coo do Novo mundo
Te der instinctos crus,
Ha de ir viver, o pobre vagabundo,
Entre selvagens nus.

Nas frondosas florestas seculares
Refugio buscará,
Onde preste consolo a seus pezares
A voz do sabia.

O' lua nova, meu baixel de prata,
Errante em mar d'anil,
Leva tu a saudade que me mata
A's praias do Brazil!

Elta, a meiga C., responde-lhe
com esta ternura... realista:

Não sóbe o cambio, meu amor! A onze
Não vou ahi!
Desfaz-se em pranto um coração de bronze,
Pensando em ti!

Não sóbe o cambio, não, meu desolado
Cantor da Europa:
O marechal, meu doce bem-amado,
O marechal!... anda a mangar co'a tropa!

Quando o cambio subir a 15 o meio
E o agio das libras não baixar ahi,
Tu sentirás meu coração no seio
Bater por ti!

O café que valia dez mil réis,
Cada dez kilos, ensacado e prompto,
Vê tu, agora custa dezesseis...
(Em dez arrobas representa um conto!)

Pede a Deus que o mercado não affrouxe
E o cambio suba... Ver-me-hão sorrir!
Partirei no Orenoque a truxe mouxe,
Quando o cambio subir!

Mas que pena, que pena! O cambio a onze!
Não vou ahi...
Desfaz-se um peito em cedulas de bronze
Pensando em ti!

Scenas do amor

(A' MARIA AUGUSTA DE CASTRO)

Elle ao vel-a em uma festa campestre, de chofre, sentiu emoções que a discripção torna-se impossivel.

Se fallassemos de dous jovens, cuja idade fosse juntamente a dos amores, a das flôres e a dos risos, talvez nenhum successo tivesse, principalmente n'esta epocha em que o raciocinio impera, desassombradamente marcha e se desvanecce, como se nunca existisse, o idealismo; mas os personagens d'esse drama contavão apenas 8 primaveras cada um.

O amor nem todas occasiões lhe é vedado á dar demonstrações e estas frisantes. Elle nos mais debeis e pequenos corações tambem se estabelece e d'uma maneira que causa mesmo admiração. Com esta phase justamente foi que deparemos nos corações de Carlos e Alice....

Os seus olhares produzirão reciprocamente em ambos um que d'atração, de sympathia e de amor que ao existarem-se com a maior sem-cerimonia entrelaçarão seus braços e começarão a passear e brincar como se já tivessem conhecimento antigo um do outro. Semelhantemente á velocidade do raios que fulmina, assim o verdadeiro amor apodera-se dos corações!

Desde aquella occasião não se vio Carlos, nem Alice, senão conjunctamente, o tão excessivamente relacionados que ao terminar a festa já Alice brindava a Carlos com flôres, amplexos e innumeros encantadores sorrisos.

Depois de inteiramente terminado a festa, andavão erados e pessoas das familias d'ambos á cata d'elles, tendo sido encontrados abstrahidos totalmente, enlevados a sem mesmo lembrarem-se do que lhes foi ordenado quando para a festa seguiram.

Correrão os tempos. O amor que apoderara-se d'elles tomava um vulto gigantesco e... erão felizes. Mas a mão da desgraça sempre apta para assim proceder, julgou conveniente que devia tambem construir barreiras para as aspirações de Carlos e Alice e... deu o primeiro golpe que foi a decadencia completa na casa commercial do pai de Alice, o qual vio-se na aspera contingencia de mudar-se para outra praça onde melhor pudesse preparar um futuro para a sua unica filha.—

Alice. Carlos sentiu immensamente, porém Alice com a doce esperança de seu bom pai progredir, embora bastante triste, comtudo procurou resignar-se.

Carlos na occasião da separação julgou conveniente fazer sciente o pai d'ella do amor que ambos tinham um ao outro.

Javeral (assim se chamava o pai de Alice) ficou immensamente satisfeito, e disse a Carlos: Estude, e terás a mão d'ella, caso seja esta a sua aspiração. O joven Carlos prometteu que envidaria todos os meios afim de cumprir o pedido de um futuro sogro.

A despedida foi sentidissima e Carlos e Alice abraçados estreitamente fizeram suas despedidas entre lagrimas e saudosos suspiros!

... ..
Anos depois succumbiu Alice. Carlos com o coração inundando de tristeza, enlouqueceu!

Andou por alguns dias errante e depois desapareceu, não se tendo nunca sabido o seu paradeiro!

Quando o amor é puro, singelo e verdadeiro; e que a desgraça procura effuscal-o; é triste o fim d'ambos; é o germen de felicidades, quando ellas imperam e acompanham a ambos!

A onda do destino é a decisão...

P. K' Astro.

VARIÉDADE

Quem morre não falla

Havia em uma cidade do França um sapateiro que tinha a obsequiosa mania de velar os mortos.

Um dia uns poucos de maganões lembraram-se de lhe pregar um susto.

Nesta tarde, chega-se um ao pé d'elle e diz-lhe:

— Você não sabe, fulano morreu. (Era um dos da conspiração).
— Morreu? pobre rapaz! tão alegre que elle era. Pois é verdade. E, como elle não tem familia, você fazia uma obra de misericórdia se lhe fosse velar o corpo.

— Vou sim! ora porque não havia de ir? Mas como tenho muito que fazer, se lhe parece, levo o trabalho.

— Leve o que quizer, homem, comtanto que não falte.

Nessa noite o honrado sapateiro dirigio-se á casa do defunto. Vê o cadaver na cama debaixo do lençol, e com o rosto livido, meio escondido por um lenço.

O sapateiro fez o signal da cruz, reza e principia a trabalhar. A meia noite levaram-lhe o café e um copito de aguardente.

O homem bebe, e sentindo-se bem disposto começa a cantar em quanto vai batendo a sola.

Nisto o cadaver levanta-se, senta-se na cama e diz com voz cavernosa: — Quando se vela um defunto não se conta.

O sapateiro fica atrapalhado um instante, mas logo recobra o sangue frio e vibrando no finado uma valente correitada com o tira-pé, responde no mesmo tom: — Quando se está morto não se falla.

Eseusamos de dizer que o defunto resuscitou immediatamente.

O penhor da cruz

(CONTO RUSSO)

Era uma vez dous negociantes que moravam à borda de um ribeiro.

Um era russo, o outro era tartaro; ambos eram ricos.

Mas o russo ficou de tal forma arruinado por causa de certo negocio, que se viu mesmo sem nada.

Tudo o que elle tinha foi-lhe confiscado ou tirado. O negociante russo, não tendo já nada, ficou pobre como um rato. Então, foi ter com o seu amigo tartaro e pediu-lhe que emprestasse algum dinheiro. — Dá-me qualquer coisa de penhor, disse o tartaro. — Que posso eu dar-te? Sibes que não possuo nada. Em todo o caso, espera lá; recebo como penhor a cruz que deu vida ao mundo.

— Está dito, meu amigo! disse o tartaro. Aceito a cruz. A tua fé ou a minha é tudo a mesma coisa para mim.

E deu ao negociante russo cincoenta mil rublos.

O russo pegou no dinheiro, disse adeus ao tartaro e foi commerciar por varias terras. Ao cabo de dous annos tinha ganho cento e cincoenta mil que tinha pedido emprestados. Ora, um dia em que elle navegava pelo Danubio, andando com mercadorias de terra em terra, levantou-se de repente uma tempestade e o navio esteve quasi a pique.

Então o negociante lembrou-se de que, para obter o dinheiro, precisára de deixar em penhor a cruz que deu ao mundo; e como não tinha ainda pensado em pagar a sua divida, era por sem duvida que a tempestade começara a serenar.

O negociante pegou n'um barril,

contou cincoenta mil rublos, escreveu uma carta ao tartaro metteno barril juntamente com o dinheiro, e depois atirou-o á agua, dizendo: — Visto que dei a cruz ao tartaro como penhor, o dinheiro ha de chegar-lhe ás mãos com toda certeza. O barril cahio logo ao fundo do rio. Todos suppuzeram que o dinheiro estava perdido. Mas o que havia de succeder?

Em casa de tartaro havia uma cosinheira russa. Um dia a cosinheira foi buscar agua ao ribeiro, e quando lá chegou vio á tona um barril. Então metten-se á agua e procurou agarral-o, mas não conseguiu.

Quando ella se approximava do barril, elle fugia-lhe: e quando ella se affastava o barril vinha até á margem. A cosinheira fez ainda varias tentativas e por fim voltou para casa e contou ao seu amo o que lhe tinha acontecido.

Primeiro elle não quiz acreditar; mas, depois, decilheu-se a ir até ao ribeiro para ver com os seus olhos o que era o tal barril que andava á tona.

Quando chegou, vio que o barril estava perto da margem.

Então o tartaro despio-se e entrou n'agua.

Mal elle tinha dado alguns passos, pôz-se o barril a boiar para elle por seu proprio movimento. Elle agarrou-o, levou-o para casa, abriu-o e olhou para dentro. Vio muito dinheiro e por cima uma carta. Pegou nella e leu isto: « Querido amigo, restituo-te os cincoenta mil rublos que te pedi emprestado, deixando-te como penhor a cruz que deu vida ao mundo. » O tartaro leu estas palavras e ficou espantado com tal prova do poder da cruz que deu vida ao mundo.

Contou o dinheiro e viu que estava certa a somma. Durante este tempo o negociante russo, depois de ter andado a negociar durante cinco annos, fez uma bella fortuna. Depois voltou para sua casa e pensando que o barril se tinha perdido, julgou de seu primeiro dever o ir regular as suas contas com o

Continúa.

ANNUNCIOS

João Antunes compra marmore velho ou quebrado—à rua 1.ª de Março n. 93 ou Macena n. 4.